

LIDEWORKS



ENTREVISTA

“Portugal tem um gravíssimo problema a nível da sua competitividade internacional”

Foi nomeado recentemente CEO da Capgemini Espanha, ficando a gerir uma operação com cerca de 4000 pessoas e uma facturação de 250 milhões de euros. Paulo Morgado acredita que este cargo poderá trazer uma maior promoção a Portugal e mostra-se bastante crítico em relação à competitividade internacional do país.

LIDEWORKS. Foi nomeado este ano CEO da Capgemini Espanha. Que importância tem este cargo para si?

PAULO MORGADO. Passar a gerir uma operação com cerca de 4000 pessoas e uma facturação de 260 milhões de euros, em que a Capgemini escolhe um português para liderar a Ibéria é sem dúvida motivo de satisfação e de grande responsabilidade.

LW. De que forma a sua nomeação para este cargo pode ajudar ou não a Capgemini Portugal?

PM. O facto de estar no Team One da Capgemini permite uma maior promoção do nosso país, que pela sua dimensão e problemas actuais perdeu alguma "visibilidade" a nível internacional. Portugal poderá assim usufruir de um mercado muito maior (aquele em que o grupo actua a nível mundial), aproveitando as excelentes condições de competitividade que a Capgemini Portugal consegue reunir.

LW. Qual é a estratégia da companhia em Portugal para o(s) próximo(s) ano(s)?

PM. Com 55 mil pessoas na Índia, a Capgemini tem que reinventar o que deverão fazer as pessoas Onshore, especialmente as que trabalham na Europa. Assim, teremos que nos alavancar a partir da posição que ocupamos como empresa de Tecnologias de Informação (TI) com uma componente de consultoria de negócio, para explorar o novo mundo do SMAC: Social; Mobility, Analytics e Cloud.

LW. Que diferenças encontra no mercado português e no espanhol?

PM. O mercado espanhol, apesar de também ter sido afectado pela crise, está num ciclo de investimento em TI mais dinâmico do que em Portugal. É um mercado bastante mais amplo, com muito mais empresas a actuarem a nível global e, portanto, está menos exposto à "crise" que atravessa o nosso país. Por contrapartida, no mercado espanhol a pressão sobre os preços é muito maior.

LW. O Grupo está presente no sector dos serviços de consultoria, tecnologia e outsourcing. O que posso eu encontrar enquanto empresa na Capgemini? Que produtos têm para oferecer nestas áreas?

PM. A Capgemini actua em múltiplos sectores com variadas soluções que fornece às empresas através da prestação de serviços. Seria por isso difícil responder a essa questão cabalmente. No entanto, para além de ajudar as empresas nos processos de inovação ligados ao novo mundo SMAC (a era informática que sucede à internet e aos ERP), a Capgemini consegue criar respostas muito atractivas, que incluem a partilha dos riscos com os clientes, e permitem responder aos desafios dos nossos dias: redução de custos, aumento de vendas em mercados cada vez mais competitivos, melhor acesso a informação de gestão...

LW. A Capgemini está presente em quantos países? Conta com quantos colaboradores no total (e só em Portugal)? Como podem ingressar na companhia e que tipo de formação lhes é dada?

PM. A Capgemini está presente em mais de 30 países e conta actualmente com 130 mil colaboradores (350 em Portugal). Todos os recém-licenciados e os profissionais ambiciosos que gostem de trabalhar podem candidatar-se à Capgemini. Em Portugal recrutamos todos os anos cerca de 80 pessoas. Todos os nossos colaboradores têm acesso sistemático a formação, e usufruem da Universidade que a Capgemini tem em Paris, completando e ampliando a sua formação em áreas de consultoria, tecnologia (incluindo as mais variadas certificações), bem como noutras áreas de desenvolvimento pessoal (que incluem MBA e Doutoramentos).

“Teremos que nos alavancar a partir da posição que ocupamos como empresa de Tecnologias de Informação (TI) com uma componente de consultoria de negócio, para explorar o novo mundo do SMAC: Social; Mobility, Analytics e Cloud.”

A Capgemini está presente em mais de 30 países e conta actualmente com 130 mil colaboradores (350 em Portugal).

LW. No 1º trimestre do ano apresentaram um crescimento de 2,3% nas receitas. Neste momento quais são os resultados? Como vão terminar o ano de 2014 em termos de receitas?

PM. Estamos em quiet period, com a aproximação da divulgação dos resultados trimestrais, pelo que estou impedido de responder a essa questão. No entanto, as acções da Capgemini nos últimos 2 anos quase duplicaram o seu valor.

LW. O novo Centro de Competência em Évora já começou a operar? Quais os objectivos traçados para os próximos anos para este centro?

PM. Estamos a arrancar em força com a formação de pessoas e a ambição que temos para Évora em termos de crescimento do número de colaboradores, só estará limitada pela capacidade que aquela região terá para nos poder fornecer recursos qualificados.

LW. Que mais-valia poderá trazer um centro desta natureza quer a Portugal, quer àquela região em concreto?

PM. A principal mais valia é a criação de emprego qualificado e o aumento de visibilidade que traz o facto de aí se ter instalado a maior empresa europeia de Consultoria e TI.

LW. Durante o 3º Fórum Empresarial do Algarve (FEA 2014) defendeu que "tem de haver muitos mais despedimentos de pessoas de alta direcção", considerando haver uma grande disparidade de valores pagos entre um gestor e um trabalhador fabril. Gostava que desenvolvesse esta ideia.

PM. Antes de mais uma rectificação: eu não me referi ao facto de os salários entre gestores e trabalhadores fabris serem muito díspares (embora o sejam). O que eu disse foi que um gestor, que ganha para viver, aforrar e/ou desfrutar de algum "luxo" (para aquilo que são

"Deixemo-nos de "conversas da treta"! Portugal tem um gravíssimo problema a nível da sua competitividade internacional, continuando a padecer de três falácias que mantêm o país e os seus governantes na ideia de que as coisas até não estão assim tão más"

as poucas possibilidades económicas de Portugal) não deveria ter a mesma protecção jurídica que um trabalhador fabril que ganha para sobreviver tem, em caso de despedimento. Devia ser muito mais fácil despedir um gestor, limitando o acesso a qualquer tipo de indemnização "milionária". Porque é necessário ter essa facilidade acrescida? De quem é a responsabilidade pela situação económica que atravessa o nosso país? Só dos governantes? Não me parece...

LW. Começa a vislumbrar alguma esperança em termos económicos para as empresas portuguesas? Podemos crescer a nível nacional perante o actual cenário político-económico ou o caminho tem de passar pela internacionalização, como foi focado numa das conferências do FEA 2014?

PM. Deixemo-nos de "conversas da treta"! Portugal tem um gravíssimo problema a nível da sua competitividade internacional, continuando a padecer de três falácias que mantêm o país e os seus governantes na ideia de que as coisas até não estão assim tão más:

A primeira falácia é a das falsas melhorias: os pequenos incrementos de alguns indicadores, como é o caso das exportações ou da posição de Portugal no ranking de competitividade do World Economic Forum, ainda nos deixam muito longe do nível que necessitaríamos para não termos problemas tão graves;

A segunda falácia é a de tomar a parte pelo todo: certos comentadores têm um bocado dessa mania de realçar os "feitos" dos portugueses na canoagem de piscina, no tiro aos pássaros com pressão de ar, nas corridas de porcos em bicicleta e outras coisas assim... Por outro lado, o facto de Portugal ter óptimas empresas em certos sectores de actividade não torna o país automaticamente num competidor internacional respeitado nesses sectores, nem esses sectores representam uma importante parte do nosso PIB ou VAM (Valor Acrescentado Bruto).

A terceira falácia é misturar intenções com factos. Os comentadores, que interpretam ao mais ínfimo detalhe o passado e os políticos que passam a vida a prometer melhorias futuras, sem que haja qualquer tipo de estratégia para que Portugal ganhe competitividade, vivem num estado de alienação e de total falta de bom senso face à realidade. Portugal precisa é de executar, nem que seja através de passos pequenos e firmes, e não de vendedores de banha da cobra que só vão conseguindo sobreviver à custa dos 130% do PIB de financiamento que temos. Não foram esses empréstimos e gostaria de ver quem teria tempo de antena para dar a esses produtores de conteúdos de entretenimento da massa popular...

LW. Por fim, qual a importância de uma organização como o LIDE Portugal?

PM. Muito importante. O LIDE soube criar um evento em Portugal que, em minha opinião, é dos mais respeitados. A qualidade das pessoas que participam, o programa que conjuga a componente o profissional com a lúdica, e a grande experiência e dedicação dos organizadores são uma fórmula de sucesso. Os meus parabéns ao LIDE! **LW**